

Leonardo Boff*

Por que chegamos aonde chegamos?

Crises de civilizações sempre ocorreram na história. Basta ler a obra volumosa de 12 tomos de Arnold Toynbee A Study of History na qual detalha como surgem, como entram em crise e como acabam as civilizações. Maneja duas categorias básicas: desafio (challenge) e resposta (response). Quando o desafio é de pouca monta a civilização responde a ela e cresce. Quando o desafio é maior que sua capacidade de resposta, a civilização entra em crise e, eventualmente, desaparece. Essa é um exposição simplificada de uma obra complexa e extremamente erudita. Talvez seu limite maior consiste em não ter considerado a luta de classes que, queiramos ou não, sempre ocorrem em sociedades complexas. Até recente data, a crises eram sempre regionais, não tomavam a totalidade do planeta.

A singularidade da crise de nosso tempo reside no fato de ser planetária e de afetar o conjunto das civilizações. Faltam-nos categorias adequadas que tenham o condão de nos oferecer uma resposta abrangente: como chegamos a esta crise planetária que carrega em seu bojo o princípio de nossa própria destruição, não do planeta como um todo, mas da vida em todas as suas formas. Não é impossível e, para alguns, é provável que nossa espécie pode desaparecer, pois criou todos os meios para fazê-lo. O fim do mundo não seria obra de Deus mas da própria ação humana. E há loucos suficientes entre os decisionmakers que podem pôr em risco a vida e eventualmente declarar uma guerra entre contudentes “com uma destruição mútua assegurada.” E junto iria a humanidade, salvo, quem sabe, alguns das cem tribos indígenas na Amazônia que nunca tiveram contacto com nossa civilização que brinca com a morte.

A pergunta radical que nos desafia é esta: por que no mundo todo estourou uma onda terrível de ódio, de raiva, de violência

a ponto de, se recalizada, incendiar terminalmente todo o planeta? São muitas as razões aduzidas a partir de vários pontos de vista. De minha parte diria, como hipótese, abstraindo causas estruturais, presentes na modernidade e por mim já analisadas, que tal atmosfera inimiga da vida e da convivência entre os humanos deriva de uma profunda decepção que degenerou numa não menos profunda depressão.

A decepção residiria no fracasso de todas as promessas que as grandes narrativas fizeram à humanidade nos últimos séculos. O iluminismo prometia o acesso ao conhecimento a toda a humanidade. O capitalismo projetou o ideal de todos ficarem ricos. O socialismo se propôs acabar com todas as desigualdades e o sistema de classes. O industrialismo moderno, em suas várias formas, até com a automação e a IA geral afixava a completa liberdade do ser humano do peso do trabalho e o acesso ilimitado de todos os saberes acumulados pela humanidade e de uma comunicação ilimitada e livre de todos com todos.

Tais promessas não se realizaram. Predominou uma lógica do poder de alguns cobiçosos de alinhar todos os avanços no sentido de seus interesses de acumulação privada, competitiva e nada solidária. Ao invés de um mundo mais apeteável e humanamente mais amigável, prevaleceu um mundo cruel e insensível face aos demais humanos e depredador da natureza. A decepção generalizada redundou numa grande depressão coletiva. Quem está satisfeito com esse tipo de mundo que criamos, abstraindo aqueles poucos que tudo controlam e dominam (também eles assombrados pelo medo)?A percepção prevalente é que assim como estão as coisas não podem continuar, pois poderiam nos levar a todos à uma vala comum.

Em situações críticas desta intensidade,

normalmente, dois comportamentos irrompem: aqueles que fogem para um passado idealizado onde ordem, disciplina, religião e moralidade rígida resolveriam a crise. Outros, fogem para o futuro com utopias salvacionistas ou mudanças tão radicais que configurariam um mundo bem melhor e habitável, respeitando a natureza. Ambas me parecem utopias sem viabilidade histórica, pois não enfrentam o desafio na sua gravidade existencial nem buscam alternativas viáveis. Essa atitude termina aprofundado a decepção e a depressão.

Há alguma saída para esta enroscada? Ou chegou a nossa vez, de encerrarmos o nosso ciclo dentro da evolução e vamos desaparecer? É notório que todos os seres, depois de terem vivido milhões de anos sobre este planeta, chegaram ao seu clímax e de repente desaparecem. Também nós teríamos o mesmo destino? Deixo a questão em aberto pois não nos parece improvável nem impossível, pois já nos demos os meios de nos autodestruir.

Meu sentimento do mundo me diz que quando desfalecem as utopias, mesmo as mínimas de melhoria dentro do sistema imperante, só nos resta voltarmo-nos sobre nós mesmos. Somos uma fonte

inesgotável de virtualidades e uma capacidade ilimitada de relações e de criatividade. Não obstante sermos contraditórios, feitos de luz e de sombras, sábios e dementes, podemos potencial de tal forma nossa positividade e aí definir um novo rumo e uma nova esperança. Cabe-nos aprofundar esta alternativa, impossível de ser detalhada aqui, mas à qual voltaremos.

A Terra futura não será um paraíso terrenal mas uma Terra revitalizada, Terra da boa esperança como alguns já o formularam.

***Leonardo Boff escreveu
Habitar a Terra.Vozes2025.**

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Total de mortos após megaoperação policial no Rio supera o Massacre do Carandiru

1-JAIR BOLSONARO DEVE CUMPRIR PENA NA CADEIA. Kim Katagiri: Bolsonaro deve cumprir pena na cadeia e ir ao hospital quando necessário. Por Marina Rossi. Uma década após o Movimento Brasil Livre (MBL) surgir, um de seus fundadores afirma que o grupo passou “por uma mudança de visão ideológica”. Hoje deputado federal e prestes a lançar oficialmente um partido próprio com vistas a disputar a Presidência em 2026, Kim Katagiri (União Brasil) afirma que mudou sua visão sobre as privatizações. “Aquilo que é público, que funciona bem, não precisa ser privatizado”, diz à BBC News Brasil. O plano para 2026, diz, é colocar a legenda na rua com candidato próprio ao Planalto: Renan Santos, também cofundador do MBL. Apoiar um candidato indicado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) está fora de cogitação, afirma. “A família Bolsonaro só está preocupada com si próprio.” “Se a pauta anticorrupção deu força para o MBL se tornar um dos principais grupos de direita e da oposição ao PT, essa também foi a principal promessa que Bolsonaro fez e não cumpriu, de acordo com ele. Quer saber mais? Clique no LINK: <https://www.bbc.com>

2-TOTAL DE MORTOS APÓS MEGAOPERAÇÃO POLICIAL NO RIO – 121 até 17h. de 29/10. Megaoperação policial no Rio supera o Massacre do Carandiru, caso emblemático de truculência policial, quando 111 presos foram mortos

1992. Governo do Rio informou que 64 pessoas morreram na ‘Operação Contenção’, mas moradores encontraram mais 74 corpos quarta-feira (29). Por Kleber Tomaz. O total de mortes após megaoperação realizada pelas forças de segurança do Rio de Janeiro contra o Comando Vermelho (CV) na terça-feira (28) superou o chamado Massacre do Carandiru quando 111 presos foram mortos. Até a manhã de quarta-feira (29), o governo fluminense confirmou 64 mortos — sendo 60 suspeitos e quatro policiais. No entanto, moradores dos complexos da Penha e do Alemão, na Zona Norte da capital, encontraram mais 74 corpos em áreas de mata próximas às comunidades. As autoridades ainda não confirmaram se essas mortes serão incluídas no balanço oficial. Se somadas, o total de vítimas subiria para 138 mortos - 134 suspeitos e quatro agentes. Dezenas de corpos são levados por moradores para praça no dia seguinte a operação no Rio. Até a manhã desta quarta-feira (29), o governo fluminense confirmou 64 mortos — sendo 60 suspeitos e quatro policiais. No entanto, moradores dos complexos da Penha e do Alemão, na Zona Norte da capital, encontraram mais 74 corpos em áreas de mata próximas às comunidades. Essa operação já é a mais letal da história do estado e do século 21 no Brasil. Em 2 de outubro de 1992, a Polícia Militar (PM) de São Paulo invadiu o Pavilhão 9 da Casa de Detenção do Carandiru para conter uma rebelião. A ação terminou com 111 presos mortos

— 77 deles pelos policiais e 34 por outros detentos, segundo o Ministério Público (MP). Até hoje, era considerada a operação policial mais letal da história brasileira, de acordo com órgãos de direitos humanos. Em 2024, o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) extinguiu todas as penas dos 74 policiais militares condenados por executarem a tiros 77 presos. A decisão judicial por extinguir as condenações dos agentes da PM no massacre segue cumprimento anterior do decreto de Jair Bolsonaro (PL). No Rio, a operação teve mais de 12 horas de confronto e deixou a cidade em clima de guerra. Criminosos usaram drones, lançaram bombas e fizeram barricadas para impedir o avanço das forças policiais. O governo informou que o objetivo era cumprir 69 mandados de prisão em 180 endereços e conter a expansão territorial do Comando Vermelho, principal facção criminosa do estado. O governador Cláudio Castro (PL) classificou a ação como “a maior operação da história das forças de segurança do Rio” e afirmou que o estado “está sozinho” no combate ao crime organizado. O Ministério da Justiça respondeu que tem atendido aos pedidos de cooperação enviados pela gestão fluminense. (...) (O GLOBO) [Lei também no LINK: https://www.msn.com](https://www.msn.com)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

O trabalho do Rio no combate ao crime

A gestão de Cláudio Castro no governo do Rio de Janeiro apresenta uma tentativa firme e corajosa de enfrentar um dos maiores desafios da história do estado: o poder do crime organizado. Em meio a décadas de omissão e discursos vazios, Castro escolheu agir. Sua política de segurança pública tem como marca o enfrentamento direto às facções e milícias que dominam territórios e impõem medo à população. Embora polêmica, essa postura firme tem devolvido à sociedade a sensação de que o Estado voltou a ocupar espaços antes abandonados.

As operações integradas entre Polícia Militar, Polícia Civil e outras forças demonstram uma inédita coordenação institucional. O governo tem investido fortemente em tecnologia, inteligência e modernização dos equipamentos de segurança — com drones, câmeras corporais e sistemas de monitoramento que aumentam a eficiência das ações.

A criação de centros integrados de comando e a expansão do uso de dados estratégicos mostram que a política de Castro vai além da repressão: ela busca também inteligência

e planejamento, pilares fundamentais para enfraquecer o crime de forma estruturada.

Outro ponto positivo é a postura do governador em cobrar responsabilidade compartilhada entre os entes federativos. Ao afirmar que o crime organizado é um problema nacional, Castro chama atenção para o fato de que armas e drogas atravessam fronteiras e exigem uma resposta conjunta. Essa cobrança não é um gesto de vitimização, mas um apelo legítimo por cooperação, que reconhece a dimensão do problema e reforça o papel do Rio como protagonista na busca por soluções nacionais de segurança.

É inevitável que ainda há muito a ser feito, mas os resultados das ações da atual gestão revelam avanços concretos: apreensões recorde, prisões de chefes de facções e recuperação de áreas antes dominadas por criminosos. Cláudio Castro escolheu o caminho mais difícil — o da ação — e, com isso, recoloca o Rio de Janeiro na trilha da esperança. Sua política de segurança reafirma que enfrentar o crime é um dever do Estado e um direito de todo cidadão fluminense.

Esquentou

O Distrito Federal, assim como diversas regiões do Brasil e do mundo, enfrenta os impactos das mudanças climáticas, que vêm alterando profundamente seus padrões climáticos e ameaçando seu meio ambiente, saúde e qualidade de vida. O aumento das temperaturas, as secas prolongadas e a intensificação das chuvas em períodos não esperados são apenas alguns dos efeitos mais visíveis dessa transformação, que exigem uma resposta urgente e coordenada da sociedade, do governo e de todos os setores da economia.

Nos últimos anos, o DF tem experimentado um aumento da temperatura média, com ondas de calor mais intensas, especialmente durante o período de seca, entre maio e setembro. O calor excessivo afeta diretamente a qualidade do ar, intensificando problemas respiratórios na população, e aumenta a demanda por água, recurso que já é escasso. O Lago Paranoá, por exemplo, tem enfrentado níveis alarmantes de desidratação, o que compromete o abastecimento da cidade e o equilíbrio de seu ecossistema.

A temporada de chuvas, que antes ocorria com mais previsibilidade entre outubro e março, se

apresenta agora com maior intensidade e irregularidade. Isso resulta em um impacto negativo sobre a infraestrutura da cidade, com alagamentos, danos a ruas e pontes, e aumento dos riscos à saúde, como a proliferação de doenças transmissíveis por meio da água.

É essencial que o Distrito Federal adote políticas públicas mais eficazes de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Investimentos em energias renováveis, como solar e eólica, são fundamentais para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, principal causa do aquecimento global. A ampliação de áreas verdes e a preservação de nascentes e biomas locais, como o Cerrado, também são essenciais para equilibrar o ecossistema e proteger as fontes de água.

O engajamento da sociedade em práticas sustentáveis, como o uso racional da água, o descarte adequado de resíduos e a promoção de hábitos de consumo consciente é a solução. As mudanças climáticas exigem um esforço coletivo, com ação urgente para garantir a qualidade de vida das futuras gerações e a preservação do Distrito Federal como um local sustentável e resiliente.


Opinião do leitor

Exemplos de Issac

Deus guarde Issac com as belezas da vida que ele sonhava em viver exemplos que plantou serão marcas nos corações jovens a fidalguia de Issac iluminará Brasília as brincadeiras com amigos da quadra e do colégio serão guardadas em sorrisos permanentes no céu tornou-se a alma feliz da juventude representada por ele com amor.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PLÍNIO CASADO É O INTERVENTOR DO ESTADO DO RIO

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de outubro de 1930 foram: Juarez Távora chega ao Rio de Janeiro dizendo que apenas

cumpriu o seu dever e espera que o povo faça o mesmo depois. Diretor de redação do Correio da Manhã, Paulo Filho acompanhou a recepção

HÁ 75 ANOS: CÂMARA PORTESTA PELA SOLTURA DE CARLOS NOGUEIRA

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de outubro de 1950 foram: Brigada britânica da ONU conquista Chongju. Suécia

em luto pela morte do rei Gustavo V. Aberto o aeroporto de Laokay, na Indochina. Câmara não dá licença para processar o deputado Carlos

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhpress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.